

## *Lindo*

*José Luiz Pereira da Costa*

Dentre as escravas do engenho, Maria era a mais brincalhona. Todos gostavam de seu espírito feliz, que sempre encontrava um desvio para as agruras daquela vida tão penosa. Não apenas seus problemas no campo, na colheita da cana-de-açúcar ou na fazenda, no processo industrial dessa, mas de todos os seus companheiros de infortúnio, eram de uma ou de outra forma mitigados com as tiradas espirituosas de Maria. Mesmo seus conselhos empíricos, mas lastreados em bom ouvido aos antigos e às tradições do povo de origem na África, ajudavam muito aos desvalidos do holocausto.

Assim que, apesar da dor progressiva e lancinante de um parto, Maria ao ver mais um de seus filhos ganhar à luz, teve tempo de ao mostrarem que havia gerado um varão, dobrar, esforço ingente, o corpo para olhar o símbolo masculino. Maria achou graça da desproporção entre o recém-nascido e a imagem que se lhe apresentava aos olhos.

Esperou um pouco, que fosse feita a incipiente higienização do nenê, e pediu à parteira:

“Traz um pouquinho de mascavo”.

A parteira e as outras mulheres que assistiam ao parto se entreolharam e previram mais uma das “da Maria”.

E assim foi. Corpos começaram a se mover, dobravam-se sobre joelhos flectidos, braços gesticulavam em belos movimentos plásticos, vozes abafadas de alegria e riso fizeram a moldura da cena em que Maria colocou umas gramas de açúcar no pequeno, mas, proporcionalmente, grande falo de um José que nascia. E quando a avó impôs, sim, que o nome fosse José, Maria, sangue, dor, suor, alegria e trejeitos acrescentou: “José, o Lindo”.

A fazenda ficava no Nordeste do Brasil, assim que os adultos se mal vestiam como forma dúplice de atender a conveniências: dos escravos, de abrandar o calor permanente. Dos patrões de não gastar com vestimenta. Já as crianças, quase o tempo todo dessa fase de suas existências, estavam nuas.

De fato, os primeiros anos da infância de José mostraram algumas coisas interessantes. Era um menino bonito segundo os padrões de então, dentre os negros, pois fruto da mistura da negra Maria com o branco holandês Johann – tinha pele bronzeada, nariz afilado, cabelos lisos e olhos verdes. Assim, foi natural que a tirada de Maria, quando de seu nascimento, resultasse efetivamente na forma como todas as pessoas do engenho, mesmo a família holandesa, o chamassem: Lindo. Ficou esquecido o José.

A outra particularidade de Lindo era seu bem dotado pênis. Andava nu, como as demais crianças – portanto, ainda que por ora mero objeto de troça, fazia algumas cabeças projetarem com enlevo ao futuro aquela imagem.

Tinha apenas treze anos, Lindo, quando o holandês soube que seu retângulo de dormir, no chão da senzala, mostrava no amanhecer marcas de sua precoce masculinidade, no sêmen endurecido ali restante.

Não perdeu tempo, o prático escravista. Arranjou em seguida uma jovem escrava, Francisca, disposta a acasalar-se com Lindo. Afinal, ele era lindo e bem dotado, todos o sabiam, desde há muito tempo.

Eram tempos de coercivo desregramento nas senzalas de todo o País, assim que Johann, dias após o primeiro coito de Lindo – o que a natureza fez com que José achasse muito bom – fez por lá estar outra jovem escrava à disposição do Lindo. É adequado dizer que se dava, a menina, por consentimento subjetivo – Lindo era jovem, como ela; era negro, como ela; era bonito e bem dotado – todos sabiam. Portanto, nada parecido com as histórias correntes entre toda a escravaria do entregar-se à força ao velho holandês, que lhes parecia sem pele, de cabelos

lisos escorridos, cor de mel ruim, com um corpo que cheirava estranho e desagradável. Esta mesma e pragmática lógica fez com que outras meninas do complexo agroindustrial do holandês – havia mais de 500 escravos – fossem cobertas por Lindo.

Só nos primeiros anos de sua profícua existência de precoce ganhão, enchera os olhos e as perspectivas econômicas do senhor de escravos. Nove meses após a primeira noite de Lindo, Francisca dava de presente ao holandês, da geração de Lindo, um par de meninos – gêmeos. Ria sozinho nos cantos e lançava ao vento palavras incompreensíveis, em seu idioma nativo, Johann, ao saber que outras duas ou três negrinhas, que se atrapalhavam nos labores da faina produtiva, grávidas de Lindo, também geraram somente meninos. Pareceu-lhe, e isto multiplicava suas manifestações de alegria, ele só produziria meninos – em pouco tempo farta mão de obra jovem para as tarefas do campo e da indústria. Aos quatorze anos, Lindo era pai de cinco filhos. Poupou-o Johann das tarefas mais duras no canavial, e, mesmo, achou que seria conveniente livrá-lo de todo dos trabalhos no canavial. Ajudava nos alambiques fazendo coisas que os feitores, instruídos por Johann, consideravam como leves.

A fama de Lindo se espalhou célere – como o fogo ao vento usado no canavial antes do ceifar – pelo complexo do holandês: várias senzalas, muitas mulheres; punhados de homens que iam odiando, num crescendo, aquele pirralho, como diziam, “de pau grande”.

O bulício nas senzalas gerado pelo ciúme a Lindo; a ação tirânica do holandês escolhendo a seu gosto as jovens que deveriam se acasalar, pouco importando se tinham romance com outros homens; se eram, ainda que na improvável vida de escravo, suspostamente destinadas por mães e avós a outros escravos que tinham em mente – nada disto foi a razão pela qual Lindo, aos dezesseis anos, sumiu da fazenda do holandês.

O pragmático Johann, quando soube que duas de suas filhas estavam “de barriga”, como zuniu por todos os cantos de seu “império” neo-holandês, com grandes explosões de reprimido deboche nas senzalas e momentos de possíveis desabafos no canavial e na indústria, não se apoquentou. Mandaria para a terra distante, quando nascessem, aqueles mulatinhos a caminho. Seriam muito bem recebidos em casa, na distante Holanda, tanto pelo inusitado, crianças cor de chocolate, talvez até com o gosto deste, quanto pelo cumprimento de rígidos preceitos calvinistas, quanto ao valor da vida humana. Mesmo de escravos, mas sem muitos exageros dogmáticos, nesse caso.

Era um homem muito rico, esse holandês das cercanias de Olinda. Frequentava, assim, rodas que circulavam em torno a Maurício de Nassau, a quem se dava o desplante de chamar Johann, eis que eram de mesma idade e da mesma região, e xarás. Pois então, assombrado, o próprio Johann Maurício de Nassau, ouviu as histórias de um jovem escravo que, antes dos dezoito anos de idade, já era pai de mais de vinte filhos.

Na cabeça de Nassau houve além da perplexidade, o sentido de que aquilo não estava certo. O jovem estava sendo utilizado como um procriador – um ganhão de curral. Interessou-se para que José fosse afastado daquele ambiente; encontraria, o governador, algo mais digno do que aquele gerar sem fim de filhos, um bom negócio para o amo, mas de alto risco como ficara comprovado com o ocorrido com filhas de Johann.

Johann, o escravista, explicou para Nassau que, talvez, a origem de tudo, tenha sido o fato de os negrinhos da fazenda andarem, desde sempre, nus, expondo “suas vergonhas”, como diziam os portugueses seus capatazes. Recebeu, de certa forma, uma reprimenda de Nassau, que criticou o fato de as crianças andarem nuas pela fazenda. Fez-se de desentendido para aduzir que o fato de andarem assim, tenha contribuído com que, à vista seu avantajado pênis, haja se constituído em motivo de desejo que se ampliou entre as mulheres do canavial.

Nassau não levou adiante o assunto, exigindo que José fosse trazido para a governança, onde lhe seria dado o que fazer.

A ordem do governador foi cumprida, em duas linhas de pensamento, por Johann. Primeira: apesar de sua crença em valores ensinados pelos calvinistas, de sua formação religiosa, um tanto descuidada agora na sua maturidade, tantos anos nessa terra de sol perene e pecaminosos condimentos tentadores, encarou o evento com inelutável fatalismo: a sedução, por suas filhas, de Lindo. Segunda, isto não obscurecia a realidade de que a produção futura daquele prodígio, gerador de mão-de-obra, indo embora, escapava-lhe às mãos.

A governação holandesa, como as casas europeias da época, em nada a elas diferia, com o luxo, os prazeres evidentes, desfrutados pela elite dirigente. Ali estava a sede, na luzente Nova Holanda. José foi recebido, pelos fundos, é claro, num dos palácios da ilha Antônio Vaz, de onde geriam a colônia. Chegou vestido como um escravo, pois não havia qualquer noção, de parte de seu amo, de que um escravo poderia vestir mais do que aqueles tamancos, herança dos derrotados portugueses, calça e camisa de enjambrados tecidos rústicos.

Não havia senzala, na forma como era encontrada nas plantações, senão que dependências especiais que abrigavam dezenas de negros que faziam todos os serviços dentro do palácio. Assim que em pouco tempo, José se ocupava dos trabalhos que lhe foram sendo ensinados, dentro de alas do palácio. Limpava os urinóis ou penicos dos quartos, todas as manhãs, após haverem seus titulares feito a refeição matinal, antes de saírem para folguedos sem fim ou, mesmo, trabalhos administrativos de um bem gerido governo.

Certo dia, o xucro José, viu-se sendo encarado pelo dono do quarto, que acabara de acordar. Não teve reação qualquer, senão ficar parado. O homem, meio nu sob um alvo dossel, continuava encarando-o. José não notou, mas os olhos do recém-acordado não se dirigiam aos olhos do escravo, senão que ao volume que parecia escorrer, partindo da virilha, coxa abaixo.

Os momentos seguintes revelariam que o escravo não tinha qualquer noção do que estava por ocorrer naquela dependência, onde tudo que fora fazer era recolher a urina e, comumente, as fezes de seu ocupante. Também, os instantes subsequentes iriam revelar algo até então fora de seu mundo.

O homem sob o dossel afastou a fazenda poliperfurada e marchou incontinentemente na direção do escravo, que se mantinha estático. Aproximou-se desse e parou repentinamente. Examinou-o agora da cabeça aos pés demorando-se um pouco mais na parte do corpo que o havia atraído. Viu no escravo uma imagem intrigante: era alto, esguio e tinha olhos verdes, como os seus próprios. Sua pele não era como a dos demais negros que mal os olhava, mas que estavam em toda parte. Era como a pele de azeitonas em certa fase no processo de curtição.

Ouviu o escravo, sem distinguir o som, um sussurro, quase um suspiro e a palavra “*fraai!*”

Lindo foi, aí, assediado pelo homem branco que se lhe parecia algo fantasmagórico. E como escravos têm de obedecer ordens, viu-se encaminhado para outro rumo de sua intensa atividade sexual.

Isto, porém, foi sua ruína. O homem do quarto espalhou os predicados do escravo, a princípio para um que outro amigo confidente, o que fez aumentar a demanda da atividade do escravo; depois, os predicados corriam como piada de salão.

*Fraai*, assim José passou a ser conhecido na corte de Nassau: era o encanto de dominadores loiros jovens, e enrustidos velhotes, como também de sedentas e curiosas jovens neerlandesas. Em um punhado de meses, ventres femininos começaram a se estufar. A promiscuidade era tanta, que o escravo foi se tornando famoso e poderoso, mas nem tanto a impedir que, conhecedor da extensão do estrago que estava causando, Nassau, na volta de uma longa ausência visitando partes de sua Nova Holanda, deu um jeito de manda-lo embora da governação. Registros posteriores à partida de José contabilizavam mais de duas dezenas de mulatinhos e mulatinhas que seriam enviados para os Países Baixos. José, o Lindo, ou o *Fraai*,

longe dos olhares calvinistas de Nassau, encontrou um mercenário como executor da ordem de livrarem-se daquele furacão sexual. E este vislumbrando no escravo algo que poderia, realmente, dar-lhe uma renda alta e permanente, ajustou com conhecido seu a aceitação de *Fraai* em sua plantação e usina.

*Fraai* seria oferecido a outros fazendeiros, para mediante boa remuneração procriar.

José, assim, passou a circular de fazenda em fazenda, em cada uma exercendo sua tarefa.

Ao longo de sua vida, que saudável ultrapassou os oitenta anos, deixou atrás de si um consistente ativo, em favor de terceiros, somando mais de cem filhos. Uns, mesmo fruto de amalgamação, mantiveram a sina de sua linha materna, na fria Holanda. Ficou também um passivo de tragédias, das mulheres que, apesar da crueza daquele relacionamento, se afeiçoavam ao homem que aparecia no anoitecer na fazenda, comumente desaparecendo no amanhecer seguinte, mas que às vezes ficava por mais tempo. Tempo bastante para, na pausa daquele torvelinho, administrar seus próprios sentimentos.

Dezembro de 2012